

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CLÁUDIO VILAS BOAS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

SÃO PAULO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CLÁUDIO VILAS BOAS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título Especialista em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora: Neusa Maria Barbosa Bastos.

SÃO PAULO - SP

NOVEMBRO DE 2010

Dedico este trabalho a meu pai, Sr. Aparecido, e a minha mãe, Sra. Cleuza, pelo apoio e dedicação que prestaram a mim não só nesta etapa, mas em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e a amigos que me ajudaram a vencer mais essa etapa em minha vida. Um agradecimento especial a Professora Neusa Maria Barbosa Bastos pela dedicação e paciência.

“a grande missão do professor de língua materna é transformar seu aluno num poliglota em sua própria língua”

(Evanildo Bechara)

VILAS BOAS, Cláudio. *Varição Linguística nos Livros Didáticos de 6º ano do Ensino Fundamental II*. São Paulo, 2010. Monografia curso Língua Portuguesa Pontifícia Universidade Católica PUC–SP.

RESUMO

Esta monografia situa-se na linha de pesquisa Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa do Programa Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tematiza tratamento dado à variante linguística nos livros didáticos no 6º ano no ensino fundamental II. Fundamentada nos conceitos sociolinguística variacional, educação linguística e análise de manuais didáticos do 6º ano. A pesquisa justifica-se pela importância que o livro didático representa em sala de aula. Os resultados apontam que uma boa escolha de manuais didáticos podem ser decisivos, tanto para o sucesso do aluno quanto para o professor, que muitas vezes encontra nestes materiais sua única referência de consulta e formação.

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística; educação linguística; livro didático.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - LINGUÍSTICA e SOCIOLINGUÍSTICA	6
1.1 Conceitos primeiros da linguística.....	6
1.2 Conceitos primeiros de sociolinguística.....	7
1.3 Mudança e variação histórica.....	9
1.4 Conceito de preconceito linguístico.....	12
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA	14
2.1 Conceitos primeiros de educação linguística.....	14
2.2 Educação linguística no Brasil.....	16
2.3 Competência comunicativa.....	18
CAPÍTULO III – ANÁLISE MATERIAL DIDÁTICO	21
3 Critérios de avaliação do material didático.....	21
3.1 Apresentação do livro Português Linguagens 6º ano.....	22
3.1.1 Divisões da unidade.....	22
3.1.2 A variação linguística no livro Português Linguagens.....	23
3.2 Apresentação do caderno do aluno língua portuguesa 6ºano.....	25
3.2.1 Divisões da unidade.....	25
3.2.2. A variação linguística no caderno do aluno 6º ano	27
3.3 Comparação entre materiais didáticos.....	27
CONCLUSÃO	29
BIBLIOGRAFIA	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise sobre a implicação do tratamento dado à variante linguística no 6º ano do ensino fundamental. O questionamento surgiu de uma observação de uma coleção de livros didáticos do ensino fundamental do 6º ao 9º ano em que apenas o livro do 6º ano trazia o tema variação linguística. Sendo a variação linguística um importante instrumento de ensino dos níveis de linguagem tratar deste tema apenas no 6º ano nos parece um tanto quanto inadequado, mas o que se espera responder com esta pesquisa é se a forma como é tratado o tema é adequado.

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade. Não se pode negar o caráter social de uma língua. Desde que nascemos um mundo de signos linguísticos nos cerca com suas inúmeras possibilidades. É a partir da imitação e associação que começamos a formular nossas interações no meio em que vivemos (PRETI, 1994:11).

Sendo a língua um instrumento de interação entre os indivíduos de uma comunidade, devemos ressaltar que nem sempre os indivíduos de uma mesma sociedade compartilham os mesmos registros de fala e escrita.

As línguas apresentam variação denominada pelos linguistas de variação linguística. Um olhar mais atento para os fenômenos linguísticos evidenciará que as línguas estão sempre em constante mudança. A variação linguística é acontecimento natural às línguas e ocorre nos níveis, fonológico, morfológico e sintático, sempre existindo e persistindo, apesar de toda e qualquer tentativa de normatização. Assim, qualquer língua em uso exibirá variações, tendo assim as línguas um caráter heterogêneo.

As variações linguísticas e níveis da linguagem são condicionadas pelas circunstâncias, tanto a língua falada quanto a escrita cumpre sua finalidade, que é a comunicação. A língua escrita obedece a normas gramaticais e será sempre diferente da língua oral mais espontânea, solta, livre, visto que acompanhada de mímica e entonação, que preenchem importantes papéis significativos, mas sujeita a falhas, a linguagem empregada coloquialmente difere substancialmente do padrão culto, o que, segundo alguns linguístas, criaram no Brasil uma lacuna para os usuários da língua, pois se expressar em português com clareza e correção é uma das maiores dificuldades dos brasileiros, e falar bem o português é ser um poliglota em sua própria língua (BECHARA, 2008:14).

Com a democratização do ensino, nas últimas décadas, cada vez mais a escola começou a receber uma clientela diversificada, a qual provinha das mais diversas camadas sociais e trazia consigo uma diversidade de discursos. Dentro dessa diversidade discursiva, está a variação linguística, o que implica em um contato, quase sempre conflituoso, em um mesmo espaço no caso a escola de diferentes formas de se expressar.

No eixo da variação linguística em nossa sociedade, está, de um lado, uma linguagem formal, que corresponde à norma culta padrão da língua falada, geralmente, pelas classes dominantes e de outro, a linguagem informal, que corresponde às variedades linguísticas usadas, na maioria das vezes, pelas camadas menos favorecidas socialmente. Com a abertura de mais vagas na escola pública, inserem-se na realidade escolar alunos advindos de camadas sociais menos favorecidas e com eles vem também a sua modalidade de fala, que não é a mesma tomada pela instituição como pilar para suas práticas educacionais.

Devemos ressaltar que no julgamento das variedades linguísticas, há uma escala de valores que tem um fundo social e não linguístico, ou seja, algumas formas de expressão estigmatizam seus falantes, ao

passo que outras os valorizam. Em outras palavras existe um conflito entre a modalidade ensinada na escola, concebida como modelo único a variedade padrão, e o falar dominado pelo aluno, que denuncia sua procedência sociocultural.

Com base nas considerações feitas até aqui, parece-nos não muito proveitoso reger o ensino da língua pelas noções de certo e errado, mas pautar-se pelos conceitos de adequação e inadequação, que refletem o uso da língua nos mais diferentes contextos.

Escrever conforme a norma culta é um requisito indispensável a qualquer estudante o que se propõe é que o estudante assimile com satisfação as variações que a língua apresenta e que este aluno faça uso com propriedade deste conhecimento para ter acesso aos bens culturais da humanidade e ascensão profissional.

No que diz respeito a ensino de língua portuguesa nas escolas devemos destacar que o material utilizado em sala de aula pelo professor deve ser de qualidade, pois independentemente do livro didático adotado ou da disciplina abordada, o que se constata é que o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência, é o lugar do saber definido, pronto, acabado correto e dessa forma, fonte última (e as vezes, única) de referência (SOUSA, 1999, in Coracini.org.:27).

O manual do professor é um instrumento didático indispensável. Sua função é esclarecer e fundamentar, junto ao docente, os princípios e crenças que presidem tanto a proposta pedagógica da coleção quanto a organização do material, além de sugerir alternativas de ampliação e adaptação dos conteúdos e atividades propostos. Quanto ao estudo da variação linguística no livro didático, as atividades devem contemplar diferentes estilos e contextos geográficos e históricos de uso da linguagem. Na abordagem da relação fala e escrita, deve mostra-se o que é específico de cada uma, seu valor e adequação nas diversas

circunstâncias de uso, deixando claro que não há supremacia de uma modalidade sobre a outra.

Temos como objetivos neste trabalho refletir sobre os usos das variantes linguísticas nos manuais didáticos e

1. Apresentar conceitos da sociolinguística.
2. Discutir a Educação Lingüística.
3. Analisar os manuais didáticos do 6º ano Português Linguagens de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e O Caderno do Aluno da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Para atingir os objetivos propostos dividimos este trabalho em 3 capítulos a saber: No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos de forma resumida o surgimento da teoria linguística moderna no século XX e alguns pontos fundamentais da teoria da linguística estruturalista de Ferdinand Saussure. E posteriormente a expansão deste modelo estruturalista proposto pelos linguistas do círculo linguístico de Praga, apontaremos os avanços e conseqüências dos estudos.

Apresentamos também críticas ao modelo teórico de análise linguística de Saussure, que encontraram uma lacuna muito importante na teoria saussuriana que foi a consideração da heterogeneidade e do fator social sobre a língua.

Por fim apontamos a surgimento da sociolinguística variacional apresentando alguns pontos relevantes desta teoria como a de que todas as línguas variam até mesmo dentro de uma comunidade de fala, e finalizando com uma reflexão sobre o preconceito linguístico.

Para tanto são apresentados aspectos essenciais da sociolinguística, a partir das definições e concepções de renomados pesquisadores que discutem a tema são eles: (BECHARA 2008), (CALVET 2002), (LUCCHESI 2004), (POSSENTI 2004) e (PRETTI 1994).

No segundo capítulo trataremos da problemática da educação linguística que neste trabalho é entendida como um processo de ensino e aprendizagem que visa a tornar o indivíduo capaz de utilizar a língua materna em diferentes práticas sociais e situações comunicativas e também como uma área de pesquisa em relação ao ensino da língua materna, o qual envolve aspectos pedagógicos e linguísticos. A educação linguística passou a merecer atenção não só dos linguístas, mas também dos pedagogos e dos professores no que concerne à educação como um todo, pois a preocupação com a linguagem decorre do objetivo maior da escola que é formar indivíduos críticos, que assegurem o pleno exercício de sua cidadania.

Para tanto serão apresentados aspectos essenciais da educação linguística, a partir das definições e concepções de renomados pesquisadores que discutem o tema são eles: BASTOS (2008), BECHARA (2008), TRAVAGLIA (2007) e TRAVAGLIA (2004).

No terceiro capítulo apresentaremos a descrição de dois livros didáticos e posteriormente uma análise do material tendo como suporte o a fundamentação teórica deste trabalho realizada com base em renomados pesquisadores conhecidos e reconhecidos pela seriedade e por seus trabalhos realizados. E seguida de uma comparação qualitativa dos dois materiais para avaliarmos qual apresenta a melhor proposta de trabalho sobre as variantes linguísticas no 6º ano. Por fim, apresentação da conclusão, seguida da Bibliografia.

CAPÍTULO I

LINGUÍSTICA e SOCIOLINGUÍSTICA

1.1 Conceitos primeiros de linguística

A vida em sociedade não teria sido possível sem sistemas de signos que permitissem a comunicação. A ciência da linguística começou a se desenvolver quando os homens começaram a fazer perguntas sobre a linguagem que embasava sua civilização. Neste trabalho propomos discorrer apenas sobre os acontecimentos linguísticos ocorridos no século XX e início do século XXI.

Logo no início do século XX surge uma figura emblemática no cenário das ciências da linguagem que é considerado até os dias atuais como o “pai” da linguística estruturalista o suíço Ferdinand Saussure. Saussure define signo como a união entre significante (imagem acústica) e significado (conceito), sendo o significante o suporte material do signo ou de uma expressão. A distinção entre língua e fala também foi um importante conceito da obra de Saussure. Para o linguísta suíço língua é o conjunto de todas as regras que determinam o emprego de sons e relações sintáticas necessárias para a produção de significados, isto é, fato social, geral e visual, em contrapartida a fala é a execução da língua pelo indivíduo falante.

Com relação a este trabalho podemos citar o que consideramos como de fundamental importância na teoria saussuriana a distinção entre o estudo sincrônico da língua, ou seja, a descrição do estado estrutural da língua em um dado momento, e o estudo diacrônico, descrição da evolução histórica da língua, que leva em conta os diferentes estágios sincrônicos. Saussure considerou em seus estudos prioritário o estudo sincrônico, que permite revelar a estrutura essencial da linguagem.

Para Saussure a o objeto de estudo a linguística é a língua considerada em si mesma e por si mesma (Calvet, 2002:14). Com essa afirmação Saussure atribui a língua um caráter homogêneo o que mais tarde seria contestados por outros linguistas. Com os estudos que se sucederam os linguistas encontraram nas ideias de Saussure o ponto de partida para desenvolver novos métodos e teorias. Podemos citar como exemplo o caso da escola de Praga, surgida em 1926 e formada, entre outros, pelos linguistas de origem russa Nikolai Trubetskoi e Roman Jakobson. Sobre a base das distinções realizadas por Saussure entre língua e discurso, sincronia e diacronia, os linguistas da escola de Praga elaboraram quase todos os conceitos e princípios básicos da versão moderna do estudo do nível fônico da língua, o que ficou conhecido como a moderna fonologia (LUCCHESI, 2004:99).

Os linguistas de Praga chegaram a um consenso da necessidade de se fazer distinção entre fonologia e fonética, dois termos usados até então para definir a ciência dos sons. Segundo eles, a fonologia estuda as funções linguísticas dos sons, os fonemas, enquanto a fonética se preocupa com a produção e as características dos sons da fala. Dos estudo realizados pelos linguistas de Praga deveu-se também a definição de fonema como a unidade mínima do significante que está no plano da língua, assim como o conceito de traços pertinentes, distintivos ou funcionais dos fonemas.

A linguística representa hoje um campo aberto e em contínua renovação, cujos estudos, a partir de perspectivas diferentes, contribuem para a construção de modelos cada vez mais amplos que considerem os elementos constituintes do fenômeno linguístico.

1.2 Conceitos primeiros de sociolinguística

Os linguistas que se debruçaram sobre as teorias de Saussure chegaram a conclusão de que o sistema não estava completo, faltava a relação entre a

língua e sociedade que a teoria saussuriana não trazia, sobre isso (CALVET, 2002:31) enfatiza que a língua é, ao mesmo tempo, linguística e social, o que Saussure utilizou em seus estudos foi uma orientação diacrônica, no entanto, deixou clara em sua obra que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade. A crítica que foi feita ao modelo de análise de Saussure onde o linguista suíço não considerou em seus estudos o caráter social e heterogêneo da linguagem Saussure define a unicidade e a homogeneidade como características intrínsecas à língua (LUCCHESI, 2002:44).

Segundo (CALVET, 2002) O termo sociolinguística originou-se em 1964, com Willian Labov, que propôs um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Labov destacou o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística e relaciona fatores como idade sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico de uma comunidade.

A sociolinguística já nasceu com um caráter interdisciplinar, no entanto ela é também um fenômeno social, mas, não só social, ela se relaciona com disciplinas tais como: sociologia, psicologia, biologia e fonoaudiologia, entre outras. O objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas e usos linguísticos.

Podemos definir a grosso modo que uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

1.3 Mudança e variação histórica

Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são parte da história das línguas. No plano sincrônico, as variações observadas na língua são relacionáveis a fatores diversos dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente.

Os estudos da sociolinguística podem ter alcances diversos, a depender dos seus objetivos, pode-se descrever a fala por exemplo da cidade de São Paulo, de uma comunidade do Amazonas, dos estudantes de direito ou dos surfistas. Ao se estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar variedades linguísticas.

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades. Língua e variação são inseparáveis, a sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema aproximado se valer de oposições como língua e fala, por exemplo, significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. Isso justifica a crítica realizada ao modelo de descrição proposto por Saussure, ou seja o aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas uma parte do fenômeno total.

Para tratar da individualidade do saber linguístico, apresentaremos um quadro das variedades de língua, dividido em dois grandes grupos que são eles

Diatópica ou Geográfica: relaciona-se a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Ex. brasileiros e portugueses, paulistas e cariocas.
Variação Diastrática ou Social: relaciona-se a um conjunto de fatores que têm haver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. (Pretti, 1994:19).

Outro ponto que fundamental importância é que dependendo da situação ou contexto social qualquer pessoa muda a sua fala, de acordo com os seus interlocutores se o interlocutor é mais velho ou hierarquicamente superior, ou ainda, segundo o lugar em que se encontra um bar ou uma conferência. Todo falante varia sua fala segundo a situação em que se encontra. Uma situação de comunicação define-se pela concorrência de dois ou mais interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num contexto determinado.

Cada grupo social estabelece um contínuo de situações em que os extremos e opostos são representados pela formalidade e informalidade. Ex: A situação da defesa de uma tese de mestrado e a comemoração que ocorre após a aprovação, envolvendo as mesmas pessoas. As variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das duas situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais. Aprende-se a falar na convivência, aprendemos quando devemos falar de um certo modo, e quando devemos falar de outro e, ainda, quando devemos ficar em silêncio. Isto, porque os membros de qualquer comunidade adquirem lenta e inconscientemente as competências comunicativas.

Os falantes adéquam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. A seleção de formas envolve, naturalmente, um grau maior ou menor de reflexão por parte do falante o uso do estilo formal, em

relação ao informal requer uma atuação mais consciente. Em qualquer comunidade de fala podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Na realidade da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais.

Em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores. É evidente a existência de variedades de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades em geral. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos dos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. O que podemos chamar de variedade padrão.

Variedade padrão representa o ideal de homogeneidade em meio à realidade concreta da variação linguística, devemos destacar que a variedade padrão não detém propriedades que garantem uma qualidade naturalmente superior às demais variedades. A padronização é historicamente definida cada época determina o que considera como forma padrão. O que é padrão hoje pode tornar-se não padrão, e o que é considerado não padrão pode ser estabelecido como padrão. Falar em línguas simples, inferiores, primitivas, para a linguística não tem nenhum fundamento científico afirmar que há línguas primitivas é um equívoco (POSSENTI:2004:26).

Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário. Não existem também sistemas gramaticais imperfeitos. Se uma determinada sociedade necessitar de um léxico específico, pode ser feito um empréstimo linguístico ou pode ser criada uma nova palavra em função do novo conceito. Os aspectos gramaticais apresentam-se sempre como sistemas organizados e coerentes de regras.

1.4 Conceito de preconceito linguístico

Como já foram apresentados neste trabalho, as propostas de análise das línguas afirmam que uma língua nunca é homogênea, ela é produto de sua história e de seu presente, não existem línguas nem variedades inferiores. Julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social. As avaliações sociais feitas em relação a uma língua se baseiam em critérios não linguísticos são julgamentos de natureza política e social.

Não é casual, portanto, que se julgue feia a variedade dos falantes da zona rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas. Para a sociolinguística as diferenças linguísticas observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Refletindo sobre este aspecto o preconceito linguístico é a não aceitação da diferença linguística, é um comportamento social facilmente observável. Ocorre com a rejeição a certas variedades, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares e compartilhada sem conflitos pelo senso comum.

O indivíduo aprende a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades. Os grupos sociais apenas dão continuidade à herança linguística recebida. Os grupos situados abaixo da escala social não adquirem a língua de modo imperfeito e não deturpam a língua comum como muitos acreditam.

Pensar que a diferença linguística é um mal a ser erradicado justifica a prática da exclusão do bloqueio ao acesso a bens sociais. Trata-se sempre de impor a cultura dos grupos detentores do poder aos outros grupos e a língua é um dos comportamentos do sistema cultural.

Cabe aos usuários das variedades não-padrão adotarem a variedade socialmente aceitável pelo menos, em certas circunstâncias, como em situação de fala pública ou durante uma entrevista de emprego.

A capacidade que os falantes têm de adaptar sua fala as diversas situações de comunicação é o campo de estudos da educação lingüística, por meio desta entendermos como ocorrem os processos de adequação da língua e as diversas manifestações da língua, por ser um tema de fundamental importância trataremos deste tema no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

2.1 Conceitos primeiros de educação linguística

Para começarmos a discutir sobre educação linguística é importante primeiramente contextualizar a sociedade e o sistema educacional vigente. A sociedade que propomos discutir neste trabalho é a sociedade brasileira da primeira década do século XXI. Nesta sociedade saber ler e escrever e utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações do cotidiano são necessidades imprescindíveis, para que qualquer pessoa possa exercer sua plena cidadania.

Como estamos na primeira década do século XXI pouco da formação da sociedade atual teve origem neste século, a forma atual de organização e comportamentos da nossa sociedade é caracterizada por profundos acontecimentos do século XX. Podemos citar como exemplo os que consideramos os maiores de todos os acontecimentos que foram as duas grandes guerras que aconteceram basicamente na Europa, mas teve reflexo direto em nossa sociedade, seja o Brasil servindo de logística durante a guerra ou depois da guerra recebendo imigrantes fugindo das condições miseráveis em que se encontravam seus países no pós-guerra.

Mas o que você deve estar se perguntado é o que as guerras têm haver com educação linguística. Podemos começar nossa reflexão da seguinte maneira. Se o Brasil recebeu imigrantes de vários locais depois das duas grandes guerras cada conjunto de pessoas que aqui chegou trouxe consigo uma língua diferente e costumes diferentes. Essas línguas entraram em contato com a língua portuguesa falada no Brasil transformando sensivelmente o comportamento e o falar dos brasileiros.

Podemos salientar também outro acontecimento do século XX que foi o pós-2ª guerra que teve efeito direto sobre a forma de organização de nossa sociedade. No pós-2ª guerra surgiram dois blocos econômicos e políticos

distintos o capitalismo e o comunismo cada qual com sua ideologia. A boa consequência da existência desses blocos foi um rápido e contínuo desenvolvimento de novas tecnologias que a princípio foram criadas como equipamentos bélicos e à medida que novas tecnologias bélicas eram aperfeiçoadas as tecnologias que ficavam ultrapassadas eram repassadas à sociedade trazendo avanços em áreas como a medicina, ciências e tecnologias e a que neste trabalho nos chama a atenção que foi a de transmissão de dados que foi amplamente utilizada pelas empresas de comunicação.

As novas tecnologias de transmissão de dados nos chama à atenção pelo fato de que todas as mensagens que são enviadas pelos meios de comunicação seja ele uma carta, rádio, televisão, ou a internet utilizam-se da linguagem. Ou seja, toda tecnologia que foi inventada até hoje não foi capaz de substituir a linguagem humana, mas sim de transmiti-la com mais rapidez e precisão.

Com o fim do comunismo no leste europeu na última década do século XX, fez com que o capitalismo proliferasse de forma muito rápida criando um novo fenômeno chamado de globalização. A globalização transcende fronteiras e encurtar distâncias dilui diferenças culturais e tem grandes efeitos na economia dos países. Mas também trás consequências, com as informações acessíveis a grande população de forma rápida e simples, o ser humano está se tornando progressivamente mais individualista e se distanciando dos valores éticos e morais que perduraram por séculos. Os avanços tecnológicos, no entanto, não garantem melhores condições de vida para uma grande parcela da população a globalização como é praticada cria na sociedade não só no Brasil, mas em vários locais do mundo de não incluídos que vivem em grandes centros urbanos em situação subumana.

Todas essas transformações ocorridas no século XX e início de século XXI trouxeram consequências para a sociedade brasileira e consequentemente para seu sistema educacional. Conforme PALMA, TURAZZA & NOGUEIRA (2008, in Bastos) a escola tradicional predominava no Brasil nas primeiras décadas do século XX, nas décadas de 50 e 60 o Brasil viu o surgimento de uma nova escola, com modelos comportamentais que fundamentavam a

prática pedagógica, a partir dos anos 70 foram progressivamente inseridas no Brasil as propostas construtivistas, piagetianas e vigotiskianas. A nova prática educacional construtivistas rompe com o modelo comportamental vigente até então da educação centrada no professor e transfere o foco para o estudante, portanto o centro da atenção da educação deixa de ser o professor e passa a ser o aluno.

Um aspecto que nos parece de fundamental importância no que se refere a educação lingüística convém uma explicação é quanto a política lingüística que segundo (BASTOS, 2009, in Zamora.org) é a relação imposta pelo Estado a um dado povo estabelecendo assim uma planificação lingüística levando uma maioria a adotar a língua de uma minoria. Isso caracteriza a imposição do poder político da minoria sobre a maioria, por meio da língua. Sendo assim, o Estado passa a ser o responsável pela imposição de uma língua, com isso uma nova identidade, que se consolida quando ocorre o processo de nacionalização.

Esse pensamento perdura até a década de 90 quando o capitalismo ganha força com a derrocada o comunismo, então há uma busca por uma nova forma de educação que atenda o mundo moderno, onde o ensino rompa os limites da escola. O Brasil persegue há algum tempo esse novo caminho e consolida esse novo modelo de educação com a promulgação da lei de diretrizes e bases da educação brasileira (LDB) em 1996 que trouxe mudanças no processo de ensino e aprendizagem. O grande avanço que a LDB trouxe foi a incorporação do mundo do trabalho moderno e o uso dos meios de comunicação para disseminação de informações e novos saberes.

2.2 Educação lingüística brasileira

O língua portuguesa no Brasil tem uma tradição pedagógica que se apóia na ideia de que é preciso conhecer as noções e normas gramaticais para falar bem e melhorar o desempenho na expressão escrita. A gramática tem sido sistematicamente ensinada na escola com esse objetivo. Essa visão resulta de uma concepção de que a língua é um conjunto de regras e

prescrições devem ser seguidas. Como já vimos anteriormente o Brasil passou por diversas correntes educacionais, no entanto o ensino tradicional gramatical perdurou por décadas. O que devemos salientar aqui é que neste trabalho não temos a intenção de abolir o ensino de gramática nas escolas, mas sim de que a gramática seja usada como um meio de fazer com que o educando amplie seu conhecimento linguístico em especial a linguagem escrita e não seja utilizada como um único modo de aquisição da linguagem como foi e ainda é praticada nas escolas brasileiras. Sobre isso Possenti postula que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico.

Como já afirmamos no primeiro capítulo a educação linguística é necessária e fundamental para as pessoas utilizarem a língua de maneira eficiente e competente e com isso viverem e conviverem bem em uma sociedade. Para continuarmos nossa reflexão é preciso, definir o que vem a ser educação linguística, para tal usaremos a definição

a educação linguística deve ser entendida como o conjunto de atividades de ensino e aprendizagem, formais ou informais, que levam os indivíduos a compreender e utilizar a variedade de recursos de sua língua materna de forma competente e consciente para produzir textos com efeitos de sentido pretendidos e utilizá-los em situações de interação comunicativa.(Travaglia 2007:11)

Sendo assim um dos objetivos da educação linguística é favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos indivíduos, tornando-os capazes de utilizar o maior número possível seleção de escolhas lexicais, gramaticais e de estilos em cada modalidade da língua escrita, ou da língua falada, que saiba eleger as formas exemplares para os momentos de maior necessidade, em que o indivíduo precisa de recursos da língua materna de maneira adequada a cada situação específica de interação comunicativa. Assim sendo, a educação linguística tem como propósito o ensino dos recursos da língua e a produção de sentido de cada recurso, a fim de que, com isso, os indivíduos possam estabelecer situações comunicativas coerentes por meio de

textos linguísticos. A EL possibilita ainda ao usuário da língua o desenvolvimento do gosto linguístico, a expressar-se com responsabilidade cultural, política, social, artística etc. BECHARA (2008).

É nesse sentido, que, para Bechara (2008), fora a competência linguística, o usuário da língua deve ampliar sua competência textual, discursiva, estilística para tornar-se assim um poliglota dentro de sua própria língua. Entretanto, a educação linguística, além de ser entendida como processo de ensino e aprendizagem da língua materna que visa à competência, caracteriza-se também como área de pesquisa que engloba os saberes pedagógicos e os saberes linguísticos.

2.3 Competência comunicativa

Em nossas escolas nosso público é o aluno, falante nativo da língua portuguesa, ou seja, não ensinamos Português para estrangeiros, nas escolas de curso regular, salvo raras exceções. Diante deste quadro (TRAVAGLIA 2006) faz a seguinte indagação para que se dá aula de Português a falantes nativos de Português? O próprio (TRAVAGLIA 2006) afirma que: o ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor).

Ainda segundo este autor, não ensinamos a língua à maioria de nossos alunos, posto que esses alunos já adquiriram intuitiva e inconscientemente as regras da língua dominando uma gramática implícita. O que fazemos ou deveríamos fazer é dar a eles condições de usá-la em todas as situações de interação comunicativa com uma segurança linguística que ele não se sinta discriminado em nenhuma comunidade linguística em que esteja inserido. Isso significa dizer que ao final de um curso de língua materna, os alunos deveriam estar preparados para a comunicação linguística em todos os níveis, ou seja, estariam aptos a realizar o ato verbal de acordo com o que exige a situação.

Se o objetivo do ensino de língua materna é o de propiciar ao aluno uma maior competência comunicativa, é importante que se determine o que vem a ser

competência comunicativa. Desenvolver a competência comunicativa significa oportunizar o exercício dos mais variados tipos de construção linguística, pois nossos alunos irão se deparar ao longo de suas atividades escolares, sociais ou profissionais com situações de comunicação as mais variadas possíveis.

Um aluno de língua materna é alguém que busca, no ensino de língua, condições de dominar sua estrutura que, associado à capacidade de separar, discriminar e estabelecer relações lógicas da língua falada ou escrita, assegurando que as palavras reflitam sua atitude mental. E esta atitude mental só é possível se o ensino de língua for entendido não como um conteúdo técnico, mas como uma ferramenta capaz de nortear as experiências significativas na produção do conhecimento.

De acordo com (TRAVAGLIA 2006) a competência comunicativa implica duas outras competências: a linguística ou gramatical e a textual. A competência linguística ou gramatical é capacidade que tem o usuário da língua de gerar sequências linguísticas gramaticais, que sejam admissíveis como sequências próprias da língua.

E a competência textual é a habilidade que o usuário da língua usa em situações de interação comunicativa, compreender e produzir bons textos utilizando-se das capacidades formativas, transformativas e qualificativas. A capacidade formativa permite ao usuário da língua avaliar a boa ou má formação de um dado texto, ser capaz de distinguir um texto de um não texto e ainda de produzir e compreender um número ilimitado de textos. A capacidade transformativa possibilita ao usuário da língua modificar um texto através de paráfrases, resumos, reformulações, além de julgar se essas modificações estão adequadas ao fim a que foram destinadas e a capacidade qualificativa dá aos usuários da língua condições de dizer a que gênero pertence um dado texto.

Mas o que se espera com este trabalho é ver se na prática educativa em nossas escolas tais abordagens tanto de sociolinguística, quanto de educação linguística estão sendo de fato utilizadas de fato em nossas escolas. Para

realizar tal abordagem no capítulo seguinte faremos a análise comparativa qualitativa entre dois livros didáticos que são comumente encontrados em nossas escolas.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

3. Critérios de avaliação do material didático

Com base no referencial teórico apresentado nos dois primeiros capítulos, embasados em teóricos de renome e de credibilidade amplamente reconhecidos pela seriedade e responsabilidade de suas publicações científicas faremos uma análise comparativa de dois livros didáticos abordando o tema variação linguística. Pretendemos com essa análise destacar a importância de o professor escolher bem o material ao qual irá trabalhar, pois uma escolha bem feita pode render bons resultados assim como registra (SOUZA,1999, in Coracini.org.:27) o professor encontra no livro didático muitas vezes uma fonte última às vezes única de consulta e referência. Quanto ao aluno, se este tiver um material de qualidade para trabalhar acaba obtendo resultados mais satisfatórios.

Utilizaremos para análise do os seguintes critérios:

1º Análise e interpretação do livros didático Português Linguagem De William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e Análise e interpretação do Caderno do Aluno da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

2º A divisão das unidades de ambos materiais.

3º Análise e interpretação da questão da variante linguística.

É importante que se diga que a escolha do livro didático pelo professor é de grande importância, pois o livro didático traz uma metodologia de ensino, uma concepção de ser humano, de educação, de ciência e ambiente. Não podemos, portanto, considerar a escolha do material didático uma escolha neutra. Por essa razão o professor deve ter claro quais são seus critérios e seus objetivos ao escolher um determinado livro, pois a falta destes critérios atrapalham a

melhoria da qualidade de ensino e favorece a formação de alunos que tem dificuldades para refletir sobre sua realidade.

3.1 Apresentação do livro Português Linguagens 6º ano

O livro Português Linguagens é apresentado como um material produzido especialmente ao público jovem, os autores aguçam a curiosidade e desafiam o aluno a ver o livro didático como algo que vai de fato ajuda-lo a aprender de uma forma didática e divertida “antelado” com as novas tecnologias não dispensando o uso de recursos áudio visuais em sala de aula e fora dela. Desperta no aluno a vontade de aprender instruindo-os a pesquisar na internet os assuntos despertem a curiosidade dos estudantes.

O livro Português e Linguagens foi escolhido para análise, pois foi o livro didático adotado por três escolas estaduais da região central da cidade de Diadema no ano de 2008.

3.1.1 Divisões da unidade

O livro didático Português Linguagens 6º ano, apresenta a seguinte divisão: um livro único com 4 divisões de unidades com subdivisões de 3 capítulos cada unidade. O que podemos deduzir que cada unidade corresponda a um bimestre. No que diz respeito à divisão dos capítulos eles apresentam os conteúdos a serem seguidos, porém o formato os capítulos são muito semelhantes todos começam com um texto que podemos chamar de texto de base do capítulo na sequência é apresentado alguns exercícios de interpretação e análise do texto, na sequência é pedido para que o aluno após a explicação do professor escreva um texto do mesmo gênero apresentado na unidade.

Após a leitura análise e compreensão dos textos em cada capítulo é apresentado uma tópico chamado língua em foco onde são abordados temas variados sobre diferentes aspectos da língua. E por fim, quando cada capítulo é finalizado é apresentado a sessão divirta-se onde por meio de uma atividade

lúdica como uma piada, um quadrinho, uma história engraçada é retomada a ideia central do capítulo.

O livro do professor traz todos os exercícios resolvidos buscando assim facilitar e agilizar o trabalho do professor evitando assim que o professor precise pesquisar os conteúdos em outras fontes. Ao final do livro do professor é apresentado o manual do professor que traz orientações técnicas de como devem ser desenvolvidas as atividades, conteúdos, cronogramas, avaliação e se necessário a expansão das atividades.

A abordagem do livro Português Linguagens sobre o tema variação linguística trouxe uma perspectiva bastante pertinente, na apresentação do assunto contextualizou com situações criadas através de tiras em quadrinhos com personagens bastante conhecidos dos jovens como Rosinha e Chico Bento. Apresentou de forma clara com exemplos simples o que vem a ser variação linguística e quais as suas implicações no dia a dia dos alunos. Propôs discussões sobre oralidade e escrita, formalidade e informalidade e gíria. Com relação aos exercícios propostos todos estão bem relacionados com o que foi proposto nas discussões propostas em sala.

3.1.2 A variação linguística no livro Português Linguagens

Agora que já apresentamos como é feita a divisão das unidades do livro didático veremos como é abordada a questão da variante linguística neste livro que é apresentada apenas na primeira unidade capítulo 2.

O capítulo dois é iniciado com um conto maravilhoso de Hans Christian Andersen “A menina dos fósforos” na sequência é apresentada atividades de compreensão e interpretação e estudo da linguagem do texto de Andersen. Terminada as atividades sobre o conto, o livro traz uma proposta de produção de um conto maravilhoso tendo como base o texto que foi estudado. Para isso é apresentada uma sequência de características que devem ser observadas quando se produz um conto maravilhoso.

Chegamos por fim a sessão língua em foco onde o autor trata das variedades linguísticas. Para iniciar a conceituação os autores usaram uma tira dos quadrinhos dos personagens Chico Bento e Rosinha dois personagens das histórias em quadrinhos do autor Mauricio de Souza. Rosinha e Chico são dois personagens que moram na roça e tem um modo de falar típico do caipira brasileiro. A sequência de atividade após a leitura da tira faz com que os alunos reflitam sobre as formas variadas de falar o português dentro do Brasil e explica que mesmo os caipiras da tira não falando uma variedade igual as que o aluno está inserido, esta variedade é plenamente compreensível.

O próximo tópico do livro é uma conceituação resumida e simplificada do que é a variação linguística e as formas de variação são apresentadas, variações de prestígio social, oralidade e escrita, formalidade e informalidade e um quadro para comparação das gírias atuais e antigas. Na sequência existe uma tira do cartunista Angeli apresentando gírias.

Logo após as explicações sobre variantes linguísticas aparece a sessão exercícios, o livro traz um poema de Sergio Caparelli chamado “Drome, minininha” e em seguida uma série de questões de compreensão e interpretação do poema e um exercício que apresenta algumas explicações de como ocorrem as variantes, por exemplo, porque alguns dizem trabaiá e não trabalha, abri e não abrir.

O próximo exercício trata do estereótipo que os falares regionais causam nas pessoas no caso do texto “Pechada” de Luis Fernando Veríssimo um aluno recém chegado do Rio grande do Sul recebe o apelido de gaúcho pelo seu modo de falar e logo em seguida ganha apelido de “Pechada” por ter usado essa expressão típica da região sul do Brasil. Na sequência segue uma série de questões de análise do texto de Veríssimo.

A próxima sessão do capítulo é intitulada de semântica e discurso é apresentado um cartum onde há variação de tempo. No cartum Pero Vaz de Caminha reclama à um índio usando português do período do descobrimento que não consegue enviar sua carta ao rei de Portugal e este responde com

uma pergunta sobre qual seria o provedor que Caminha usava. Na sequência novamente é apresentada uma série de questões para análise e reflexão sobre o cartum.

Uma atividade interessante que o livro traz faz uma comparação entre o português brasileiro e o português de Portugal onde os alunos têm que descobrir por meio da inferência do significado das palavras em uma lista comparativa. A sessão de olho na escrita apresenta uma explicação e em seguida exercícios para diferenciação entre letra e fonema.

E finalmente a sessão divirta-se traz uma brincadeira interessante de um dicionário de mineirês/português que registra o modo caipira do mineiro falar. A brincadeira pede que os alunos sentem-se em duplas e adéqüem o dicionário de acordo com o falar de sua região, por exemplo: gaúches, pernambucos, paulistês, paraibês e assim por diante.

3.2 Apresentação do Caderno do Aluno língua portuguesa 6º ano

O Caderno do Aluno apresenta a importância dos estudos do mundo atual e enfatiza que por meio da aquisição de conhecimento os estudantes poderão viver com mais qualidade de vida e desenvolver valores em relação a si e aos outros. É enfatizado que este material foi produzido com intuito de ajudar os alunos a entender esses conhecimentos e utilizá-los com propriedade nas diferentes linguagens: escrita, oral, sonora, e corporal.

Este material foi escolhido para ser analisado por ser um material amplamente utilizado por estudantes da rede pública do estadual. O que se espera com essa análise é verificar se existe o tratamento a questão da variante linguística no 6º ano e caso exista de que forma esse assunto é abordado no material.

3.2.1 Divisões da unidade

O caderno do aluno do governo do estado de São Paulo traz uma divisão um pouco diferente dos livros tradicionais. Uma diferença importante é a proposta

curricular que norteia todos os conteúdos referentes a habilidades e competências a serem trabalhadas desde o fundamental I até o ensino médio. O caderno é fragmentado em quatro cadernos cada um correspondente a um bimestre e subdividido em situações de aprendizagem que apresentam os conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula. Os conteúdos das situações de aprendizagem seguem um modelo repetitivo. Em cada situação é apresentado um determinado gênero textual com uma rápida explicação sobre o gênero e tipologia textual em seguida exercícios de interpretação e análise dos textos apresentados.

Após a análise de textos é proposto uma produção textual escrita seguindo o gênero que está sendo produzido. Logo depois de terminada a produção escrita e sugerida uma produção de texto oral. No caso dos cadernos de 6º ano pede-se que os alunos produzam narrativas orais tomando como base o que foi aprendido sobre essa tipologia textual. Em algumas situações de aprendizagem também é sugerido que o aluno em grupo ou individualmente faça pesquisas como forma de enriquecer o aprendizado. Ao final de cada situação de aprendizagem é pedido para que os alunos façam uma atividade que resume tudo o que foi trabalhado na situação de aprendizagem.

Quanto ao manual do professor que é denominado pela secretaria de educação como caderno do professor ele apresenta uma divisão fragmentado assim como o caderno do aluno dividido em 4 cadernos sendo um para cada bimestre. Os cadernos do professor apresentam como subsídios ao docente as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas com os alunos. As orientações sobre as situações de aprendizagens trazem o cronograma esperado para realização de cada atividade e orientações técnicas de como expandir as atividades do caderno do aluno. Um ponto que chamou a atenção foi que o caderno do professor não traz as respostas dos exercícios, assim o professor se tiver alguma dúvida quanto a resposta ou como realizar as atividades com os alunos terá que pesquisar em outras fontes e trocar ideias com os colegas de profissão. No final do caderno do professor é apresentada uma proposta de avaliação de conteúdo e recuperação caso o aluno não tenha atingido um resultado satisfatório. E por fim segue uma lista de livros, filmes e

sites caso o professor necessite de fontes de pesquisa para subsidiar seu trabalho.

3.2.2 A variação linguística no Caderno do Aluno 6º ano

Após análise realizada no Caderno do Aluno de 6º ano sobre o tema variante linguística podemos destacar que em nenhum momento foi abordado este tema. Na concepção de sequenciamento de conteúdos dos cadernos do aluno o tema variante linguística só é apresentado nas séries seguintes, mais precisamente no 8º ano.

3.3 Comparação entre materiais didáticos

Tendo em vista a análise realizada nos livros didáticos sobre o tema variante linguística nos livros: Português Linguagens e o Caderno do Aluno da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo ambos de 6º ano podemos afirmar que o livro português e linguagens se destaca por tratar logo na primeira série do ensino fundamental II do tema já introduzindo os alunos em uma discussão muito importante que faz com que os alunos reflitam que apesar de a língua portuguesa ser dominante em nosso país, essa mesma língua portuguesa acaba sendo falada de formas peculiares em diversos locais do território brasileiro.

O livro também aborda diversas outras formas de variação como a de classes sociais, de profissionais, de jovens e idosos e também da diferença entre o português brasileiro e o português de Portugal já puxando um gancho para a variação de tempo. A importância de os alunos terem contato com o tema da variante linguística logo no 6º ano é de que de eles não cometam o erro de discriminar alunos que venham a fazer parte do seu convívio escolar por suas formas peculiares de falar, e também não se sintam discriminados se este aluno por ventura estiver frequentando um ambiente escolar onde a sua variante linguística não for a dominante.

A forma de abordagem que o livro Português Linguagens faz do tema segundo os estudos realizados nesta pesquisa parece-nos adequada a faixa etária dos alunos. Mas o sucesso de tal abordagem depende do preparo que o professor que estiver usando o livro tiver deste assunto. Pois para a explicação de alguns tópicos do livro, por exemplo, da carta de Pero Vaz de Caminha o professor precisará abordar com os alunos que o cartum faz alusão ao descobrimento do Brasil por isso é usado uma variante do português que era falada em Portugal no período do descobrimento.

O caderno do aluno não abordou em nenhum dos cadernos da do 6º ano o tema variante lingüística, mas isso não desqualifica o caderno do aluno como um material ruim. Esse material aborda a variação linguística apenas nas séries um pouco mais avançadas.

CONCLUSÃO

Retomamos ao final deste trabalho, os resultados obtidos por meio dos objetivos específicos que ordenaram a organização de cada capítulo. Buscou-se no primeiro capítulo apresentar uma breve conceituação sobre sociolinguística e suas implicações na comunicação de uma comunidade de falantes em nosso caso português brasileiro. No segundo capítulo apresentamos também uma breve conceituação sobre educação linguística e suas implicações em relação ao ensino de português nas escolas brasileiras. Por fim no terceiro capítulo analisamos um livro didático comercial e um caderno de exercícios da Secretaria de Educação de São Paulo (Caderno do Aluno) buscando uma comparação sobre o tratamento dado nestes dois materiais sobre o tema variante linguística.

Com os resultados que obtive na análise dos materiais, posso afirmar que o livro Português Linguagens se destaca por tratar logo no 6º ano do ensino fundamental II deste tema tão importante para que os alunos compreendam que apesar de a língua portuguesa ser dominante em nosso país ela assim como qualquer língua apresenta variações na fala, mas no entanto essas variações devem se limitar a língua oral e não pode ser usadas na escrita. O Caderno do Aluno por apresentar uma metodologia um pouco diferente do livro Português Linguagens não trata deste tema logo na primeira série do ensino fundamental II, ele propõe essa discussão em séries um pouco mais avançadas.

Devemos também ressaltar que apesar de o Caderno do Aluno de 6º ano não apresentar o tema variante linguística no 6º ano não desqualifica sua qualidade, temas de fundamental importância para os alunos são abordados neste caderno.

Quanto a forma de abordagem do livro Português Linguagens sobre o tema variação linguística o que pude concluir foi que ele trouxe uma abordagem bastante interessante na apresentação do assunto contextualizou com situações criadas através de tiras em quadrinhos com personagens bastante conhecidos dos jovens como Rosinha e Chico Bento. Apresentou de forma

clara com exemplos simples do que vem a ser variação lingüística e quais as suas causas e conseqüências no dia a dia dos alunos. Propôs discussões sobre oralidade e escrita, formalidade e informalidade e gíria. Com relação aos exercícios propostos todos estavam bem relacionados com o que foi proposto nas discussões propostas em sala.

Podemos encerrar, assim, afirmando que os objetivos propostos foram alcançados, embora devemos ressaltar que este é um tema vasto e necessita de avanços. Principalmente para investigação sobre o tratamento dado a variação lingüística nas séries posteriores.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS Neusa Barbosa (org.) 2008 Língua Portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural. São Paulo: EDUC/IP-PUC/SP-FAPESP.

BECHARA, E. 2008, Ensino da gramática. Opressão? Liberdade? 12ª ed. São Paulo: Ática.

CADERNO do Aluno 5ª série/ 6º ano: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. 2010. São Paulo, SP: Prol editora gráfica LTDA.

CALVET, Louis-jean. 2002. Sociolinguística. Uma introdução Crítica. São Paulo, SP: Parábola.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens 6ª série. 4ª ed reformulada. São Paulo: Atual, 2006.

CORACINI, Maria J. 1999. Interpretação, autoria e legitimação do Livro Didático. Campinas, SP: Pontes.

LUCCHESI, Dante. 2004. Sistema, Mudança e Linguagem. São Paulo, SP: Parábola.

POSSENTI, Sírio. 2004. Por que (não) Ensinar Gramática na Escola. Campinas, SP: Mercado das Letras.

PRETI, D. 1977, Sociolinguística: os níveis de fala. 3ª ed. São Paulo: Nacional.

TRAVAGLIA, L.C. 2006. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez.

TRAVAGLIA, L.C. 2007. Gramática - ensino plural. São Paulo: Cortez.

ZAMORA, A.C. 2009. Licenciaturas em debate. São Paulo: Plêiade.